

censura era a que mais ajudava a vender. Então, o Brasil sempre viveu de costas para a América Latina, por ser o único país que fala língua portuguesa - na Guiana se fala um pouquinho -, os demais falam espanhol. Por um lado, antigamente, não era conveniente que o Brasil se comunicasse com os demais países da América Latina, que trocassem interesses ideológicos e suas diferenças culturais. E, por outro lado, nós sempre vivemos de modelos. A América espanhola está nos moldes europeus, já o Brasil está moldado na América do Norte. Nesse sentido vivemos muito distanciados, assim não se conhece os costumes e tradições vizinhas de forma profunda. Eu confesso que fui conhecer música gaúcha - isso que fui criado ali do lado -, quando cheguei aqui para estudar, em 1977. Lá, o que conheci foi Teixeira, o que nunca gostei. Chegando aqui tive acesso à outra música gaúcha: Os Almôndegas, por exemplo. Há anos atrás um orientando meu foi para a Argentina. Ao chegar perguntei-lhe como tinha sido. Ele me respondeu que ao ficar sabendo que teria uma delegação de músicos brasileiros em Santa Fé, foi correndo ao local. A apresentação era de três ou quatro mulatas seminuas, os caras fazendo 'aquele olodum', bem comercial. Várias fotos do nordeste brasileiro, mas nada de São Paulo para baixo. O aluno disse que sentiu até vergonha daquilo, porque eles estavam vendendo aquela coisa bem barata mesmo, sem interesse cultural. E a propaganda era que estavam ali representando a cultura brasileira.

P - Na sua opinião ainda existe espaço para relacionar música e crítica social? Num passado não muito distante, Mercedes Sosa, por exemplo, fazia grande sucesso com músicas engajadas politicamente. Ainda existem compositores, cantores fazendo esse tipo de trabalho? Há espaço no mercado?

R - Sim. Ainda bem que a Mercedes Sosa continua fazendo esse tipo de trabalho. Há poucas semanas ela estava no Uruguai se apresentando no Festival de Música, mesmo com todo esse problema que está acontecendo entre Uruguai e Argentina, com a questão das papeleiras e as fábricas de celulose. Ela foi lá para demonstrar que as relações entre os povos têm que superar essas questões econômicas. Porque há muito mais ponto de identificação entre a cultura dos povos uruguaio e argentino do que essas divergências. Aí fica demonstrado que a música tem um poder muito grande e nós não temos ciência da medida a qual podemos influenciar as pessoas através da música. Uma atitude de uma pessoa famosa pode marcar algumas atitudes a serem seguidas ou não. Isso se dava muito facilmente alguns anos atrás, porque era mais claro o panorama político e social: era a direita e a esquerda. Hoje se duvida se há essa divisão, ou se tem uma terceira via. Mas existe a possibilidade de marcar o posicionamento e fazer a crítica. É só ter a liberdade suficiente para se criticar aquela estrutura na qual tu vives. Na



“É fundamental mantermos uma identidade cultural”

minha época era Mercedes Sosa e o Chico Buarque aqui, e mais o Caetano. Teve um compositor paranaense chamado Arrigo Barnabé, que era um dos críticos mais ferrenhos e bem posicionados, mas ele não conseguiu sobreviver popularmente em música, porque ele estava na contra-mão, inclusive foi um dos primeiros a fazer produção independente.

P - Um certo tempo atrás se falava que no caso da formação do músico não haveria necessidade de passar pelo vestibular ou até mesmo de ter que passar por um curso superior. Qual a sua avaliação sobre esse tipo de consideração?

R - Em toda e qualquer profissão, tu não estás formado por ter um diploma. Toda informação e formação que se possa ter são sempre bem-vindas. Têm muitos músicos que se fizeram notar e têm um grande trabalho, sem ter passado por uma faculdade. Mas tem alguns músicos que precisam passar por uma universidade para poder crescer. Agora Louis Armstrong e Ray Charles nunca tiveram curso superior para serem bons músicos, mas são casos excepcionais. Para nós, mortais, uma faculdade é bom. Eu fui coordenador do curso de música e nós conseguimos que o teste de conhecimentos específicos fosse parte integrante do vestibular. Hoje, tu fazes uma prova de música e a prova do vestibular e as duas provas têm o mesmo peso: 50% para cada um. Os argumentos são os mais variados para se defender tanto uma posição quanto outra. O que eu coloco é que nós não formamos um músico em quatro anos. Também tu não formas um dentista, um

médico em quatro anos. Mas o conhecimento de música tu não tens lá no ensino médio. Já química, física e matemática já se tem. São poucas as escolas que têm música no seu currículo. Hoje, basicamente é uma formação lúdica do que é realmente uma formação de conhecimento musical.

P - Qual a importância de um evento o qual o sr. participou como organizador, que foi o Festival de Cultura Popular na UFSM? Os objetivos foram alcançados?

R - Eu diria que estão sendo alcançados. O Festival de Música Popular nasceu no ano passado, o Bira (Ubiratan Tupinamba da Costa), o Juca (José Francisco Silva Dias) e o professor Nei (Nei Luiz Pippi) mais ou menos nessa época me procuram e perguntaram “o que tu achas de nós fazermos um festival de música na Universidade?”. O professor Nei já queria um festival de cultura, desde música, desenho, escultura, todas as artes plásticas, cênicas, dança. Eu disse espere um pouquinho, não voa tanto. Vamos ficar com os pés no chão. E o Bira e o Juca queriam um festival competitivo de música, com primeiro, segundo e terceiro lugar, por exemplo. Depois de várias conversas nós chegamos à conclusão de que o festival deveria ser de cultura popular, mas na sua primeira edição seria de música popular. Primeiro, por que não poderíamos fazer um festival de todas as áreas da cultura, que é imensa; segundo, em música popular dentro da Universidade, já temos antecedentes - nos anos 60 e 70 tinham os famosos festivais univer-

sitários de música. A universidade era um lugar onde se podia fugir um pouco da cultura institucionalizada, em que se tinha que passar pela censura. Essas culturas de festas têm produtos muito interessantes: Chico Buarque, Tom Jobim, Ivan Lins, Gilberto Gil e por aí fora. Todos eles nasceram disso. Eu acho interessante que a Universidade tenha uma facilidade em se comunicar. Nós, em Santa Maria, temos um Campus, mas há muitas universidades que estão muito longe da sua realidade. O festival de cultura popular tem o objetivo de aproximar da nossa realidade da cultura popular, que não vai ser em um ano, nem dois, nem três. Vamos ter que continuar trabalhando. Aproximadamente uma semana depois do encerramento desse festival, nós já estávamos trabalhando na segunda edição. Algumas coisas já avançam nesse sentido. Para que tenha características acadêmicas, porque nós vamos pesquisar que tipos de músicas, se vamos partir para outras modalidades. Na próxima edição teremos dança. A que se faz dentro da Universidade como Jazz, Nativista, Samba, Rock (e muito bom). Eu não vou individualizar, mas nos surpreendemos com algumas apresentações que são coisas de profissionais e não só do curso de música. Tivemos funcionários do Restaurante Universitário, professores de diversas áreas. Muita gente ficou tímida, mas disseram que ano que vem estarão lá. Viram que há um palco que se abre para que mostre o que se está fazendo, sem o intuito de comercializar. A TV Campus e a Rádio Universidade transmitiram diretamente. O DVD do festival está para ser lançado logo, com uma música de cada apresentação. Eu acho que isso é importante para mostrarmos o que a Universidade está fazendo. Eu ouvi esse questionamento em um seminário de cultura na Câmara de Vereadores “mas a Universidade não faz nada pela Cultura de Santa Maria!”. Quando o pessoal diz assim, dói sabe? Porque realmente nós trabalhamos e todas as escolas, as universidades, faculdades, centros universitários fazem cultura em Santa Maria. Esse festival também mostrou, que, sim, se faz muita coisa pela cultura na cidade, nesse caso, a cultura popular. Espero que o festival continue em frente. Nós vamos tentar que outras pessoas toquem adiante, para não ficar muito personalizado. É difícil, porque tu ‘fazes o filho e depois tem que largar’. Mas isso é para dar oportunidade de crescer em outros ramos. A nossa idéia é que até o terceiro festival de cultura nós tenhamos a participação de outras universidades. Em apontamento à pergunta anterior, nós temos o objetivo de convidar a AUGM (Associação das Universidades do Grupo Montevideu), da qual participam 28 universidades de cinco países diferentes: Paraguai, Argentina, Brasil, Uruguai e Chile. Se nós tivéssemos ao menos duas ou três participações dessas instituições latino-americanas nos próximos festivais, aí estaria se formando uma cultura do Cone Sul e algo que tivesse um traço acadêmico.